

17 JAN 1987

**Jornal de Brasília**

**Lustosa da Costa**

**Adereço  
inútil**

A possível definição de eleição indireta do vice-presidente José Sarney, pela Assembleia Nacional Constituinte, será um desperdício de tempo e de dinheiro, porque constitui reafirmação de antigo erro de nossa história republicana.

A experiência brasileira mostra que, entre nós, o vice é sempre fonte ou pretexto para constantes crises político-institucionais. Sem funções, tende a polarizar os descontentes em torno do titular e a favorecer conspirações.

Isso vem desde a pátria velha, desde o turbulento relacionamento entre Deodoro e Floriano, desde as desconfianças que cercaram a convivência entre Prudente e Moraes e Manuel Vitorino.

Mais recentemente, Café Filho se envolveu na conjuração político-militar que pressionou Getúlio Vargas a largar o Catete, em 1954. Por ambições, o político potiguar não hesitou em se aliar aos inimigos de ontem para herdar a Presidência da República.

Jânio Quadros somente renunciou na certeza de que os militares vetariam a ascensão de João Goulart, que se encontrava no exterior, mais precisamente na China continental.

José Maria Alkimir foi feito vice de Castello Branco pelo PSD. Não assumiu uma vez sequer, tal a repulsa que lhe devotavam os militares, por sua vinculação a Juscelino Kubitschek.

Outro mineiro, Pedro Aleixo, foi coagido e até preso, para não suceder ao marechal Costa e Silva, apesar de haver sido líder e ministro de Castello Branco e de ter apoiado o golpe, antes e depois de 1964.

Pior aconteceu quando João Figueiredo, que do poder somente queria as vantagens, ficou exasperado com Aureliano Chaves, porque este, quando assumia a presidência, trabalhava, o que não era o forte do titular, mais amante de cavalgadas e de campeonatos de consumo de pastéis, na Granja do Torto, com seus colegas. A Nação inteira presenciou, estarrecida, através da tevê, o episódio de grosseria e falta de educação, comandado pelo chefe do governo contra o político mineiro, na parada militar de 7 de setembro, quando Aureliano apoiava decididamente a candidatura Tancredo Neves.

Se o vice, no Brasil, somente substitui o presidente quando existem condições favoráveis, não há razão para manter o cargo, com seu ônus financeiro e seu potencial de problemas. E preferível que essa expectativa de direito fique com o presidente da Câmara, eleito de dois em dois anos, portanto mais compatibilizado com a realidade política da época.

Depois, é uma palhaçada muito grande essa do vice ficar no Palácio do Planalto, fingindo de presidente, quando o titular está no exterior.